

O *sensus fidei* e a Igreja

COLEGAS, SANTOS, CONTEMPORÂNEOS: Modelos no Trabalho contra a Exclusão “*Combati o bom combate, guardei a fé.*” (2 Tm 4,7)

*COLLEAGUES, SAINTS, CONTEMPORARIES:
Models in the Work against Exclusion*

“I have fought the good fight, I have kept the faith.” (2 Tm 4, 7)

José Romaldo Klering*
Miguel Mosena**

RESUMO

Este texto tem como objetivo oferecer um subsídio que reforce Champagnat e Vianney como educadores do povo, colegas e santos, além de aprofundar os estudos sobre a influência do contexto histórico-político-religioso-econômico e social nas iniciativas de ambos. Quanto ao método, o trabalho será elaborado através de pesquisa bibliográfica, acrescido de estudos desenvolvidos a partir dessas pesquisas. O texto está organizado em dois capítulos: no primeiro, faremos uma breve biografia de Champagnat e de Vianney, apontando as principais etapas de suas vidas. No segundo capítulo, tentaremos mesclar alguns elementos que são comuns a ambos e que contribuem para o propósito deste trabalho: a confiança em Deus, a presença no cotidiano das pessoas que a eles foram confiadas e a gratuidade nas relações e no trabalho.

Palavras-chave: Igreja. Santidade. Educação. Inclusão.

ABSTRACT

This text aims to offer a subsidy to strengthen Champagnat and Vianney as educators, colleagues and saints, and further study on the influence of historical-political-religious-economic and social context in both initiatives. As for the

* Prof. e Coord. do Departamento de Cultura Religiosa da Faculdade de Teologia da PUCRS.

Mestre em Teologia e Doutor em Educação pela PUCRS. E-mail: <jose.klering@pucrs.br>.

** Aluno de Iniciação Científica, Chamada Geral 2014, Graduação, 3º Semestre de Teologia.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 45	n. 2	p. 193-218	maio-ago. 2015
-----------------------	--------------	-------	------	------------	----------------



method, the work will be developed through literature, plus studies developed from these surveys. The text is organized into two chapters: the first is a brief biography of Champagnat and Vianney, pointing out the main stages of their lives. In the second chapter, we will try to merge some elements that are common to both and that contribute to the purpose of this work: trust in God, presence in daily life daily lives of people that they were entrusted and the gratuity in relationships and at work.

Keywords: Church. Holiness. Education. Inclusion. History.

Introdução

Para muitos de nossos contemporâneos, saber da vida dos santos que nos precederam, talvez, não seja um propósito interessante e pode até parecer resquício de um passado que parece só fazer sentido dentro de uma sacristia. Antigamente, pensava-se que para ser santo era necessário ser religioso ou religiosa. Entretanto, Pós-Vaticano II, a santidade está no âmbito que vai além dos muros de qualquer convento ou casa paroquial.

Os Santos que apresentamos neste texto, não são deste século, mas nos precederam numa época turbulenta, de desafios de cunho social, político e religioso. Marcelino José Bento Champagnat e João Maria Batista Vianney são os seus nomes.

Ambos sabiam que não estavam sós na resposta diária à vocação sacerdotal: Deus era quem os sustentava em suas limitações e nos desafios das atividades pastorais. Estar presente e disposto para as exigências do trabalho, seja nas várias horas diárias dentro do confessionário, em *Ars*, ou no labor da escola em La Valla, fez com que o trabalho dos dois pudesse ser eficaz, incidindo na conversão e/ou na melhoria de vida das muitas pessoas que os buscavam.

Ambos franceses, do final do século XVIII e início do século XIX, são reconhecidos como Santos pela Igreja e, pelo testemunho e obras, deram uma resposta às exigências sociais e espirituais do seu tempo.

Como dissemos no início, a santidade pode ser alcançada por todos. Vianney e Champagnat foram religiosos, mas começaram sua vida de fé no seio familiar, não estando alheios à realidade da França da época. Propomos para iniciar nosso trabalho a seguinte questão: Em que esses dois homens podem contribuir para o nosso tempo? Apresentaremos três teses.

1 Santos e Colegas

Dificilmente ouvimos falar que João Maria Batista Vianney e Marcelino José Bento Champagnat foram colegas de Seminário e que tinham características muito parecidas.

Vianney nasceu em Dardilly, no dia 08 de maio de 1786 e morreu em Ars, no dia 04 de agosto de 1859. Marcelino nasceu num lugarejo próximo de Marllhes, no dia 20 de maio de 1789 e morreu em 06 de junho de 1840. Sabemos que viveram na França, do final do século XVIII até meados do século seguinte, época marcada pela Revolução Francesa¹ que deixou traços que refletirão profundamente no trabalho pastoral como, por exemplo, a situação educacional decadente que convencerá Marcelino a iniciar o Instituto dos *Irmãozinhos de Maria*.

Se pudéssemos expressar em uma palavra o que conhecemos da vida tanto de Vianney como de Champagnat, poderíamos elencar as palavras *confessionário* e *educação*, respectivamente. O propósito deste texto é aproximar esses santos naquilo que possuem em comum e que os

¹ A sociedade francesa do século XVIII era estratificada e hierarquizada. No topo da pirâmide social, estava o clero que também tinha o privilégio de não pagar impostos. Abaixo do clero, estava a nobreza formada pelo rei, sua família, condes, duques, marqueses e outros nobres que viviam de banquetes e muito luxo na corte. A base da sociedade era formada pelo terceiro estado (trabalhadores, camponeses e burguesia) que, como já dissemos, sustentava toda a sociedade com seu trabalho e com o pagamento de altos impostos. Pior era a condição de vida dos desempregados que aumentavam em larga escala nas cidades francesas. A vida dos trabalhadores e camponeses era de extrema miséria, portanto, desejavam melhorias na qualidade de vida e de trabalho. A burguesia, mesmo tendo uma condição social melhor, desejava uma participação política maior e mais liberdade econômica em seu trabalho. A situação social era tão grave e o nível de insatisfação popular tão grande que o povo foi às ruas com o objetivo de tomar o poder e arrancar do governo a monarquia comandada pelo rei Luis XVI. O primeiro alvo dos revolucionários foi a Bastilha. A Queda da Bastilha em 14/07/1789 marca o início do processo revolucionário, pois a prisão política era o símbolo da monarquia francesa. O lema dos revolucionários era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, pois ele resumia muito bem os desejos do terceiro estado francês. Durante o processo revolucionário, grande parte da nobreza deixou a França, porém a família real foi capturada enquanto tentava fugir do país. Presos, os integrantes da monarquia, entre eles o rei Luis XVI e sua esposa Maria Antonieta foram guilhotinados em 1793. O clero também não saiu impune, pois os bens da Igreja foram confiscados durante a revolução. No mês de agosto de 1789, a Assembleia Constituinte cancelou todos os direitos feudais que existiam e promulgou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Este importante documento trazia significativos avanços sociais, garantindo direitos iguais aos cidadãos, além de maior participação política para o povo. (SCHIMIDT, M. *Nova História Crítica*. p. 278).

torna modelos e inspiração para o trabalho de inclusão nos dias de hoje. Ao analisar suas biografias, percebemos que também eles tiveram que se esforçar para combaterem a própria exclusão, começando pela infância, passando pelo período de Seminário, até o exercício do Ministério sacerdotal. Para eles, este era *um dos bons combates* que diariamente exigia deles uma capacidade enorme de superação e coragem para não desanimar.

A santidade de ambos não se resume às suas imagens que hoje adornam os altares, mas se expressa a partir de suas vidas e dos seus esforços para que todos os seus pudessem “participar da natureza divina” (2Pd 1,4), ou seja, é por Deus que agiam, em resposta ao chamado que cada um recebeu de uma maneira muito pessoal. Certamente, ambos foram instrumentos para que muitos dos seus contemporâneos, mesmo sem o saber, pudessem ter a experiência de se saberem amados por Deus.

1.1 *O santo de Ars*

Os santos nada construíram de grande, que não fosse sobre a base do sacrifício. O começo da vida familiar e, sobretudo, o processo vocacional e a formação de João Maria Vianney não foi nada fácil. Quando tinha três anos de idade, a Revolução estourou na França, fazendo com que sua família em Dardilly² também fosse afetada, sobretudo na fé. A Revolução fez com que a família de João Maria e também outras famílias fiéis à sua crença, celebrassem e vivessem sua fé às escondidas – muito parecido com o que foi o Cristianismo no período patrístico da Igreja.

A infância de Vianney foi marcada pela vida familiar e pelo trabalho no campo. Com sete anos de idade, João Maria já auxiliava seu pai Mateus Vianney no sustento da família, juntamente com seus irmãos. Levantava cedo, cuidava dos animais; lutava para sustentar-se e ser generoso com todos, especialmente com os mais pobres.³

² Comunidade situada ao norte de Lião, França.

³ Dois casos que podem exemplificar sua generosidade para com os mais pobres: o primeiro caso foi quando, durante a visita a sua família em Dardilly, deu a um pobre os sapatos novos que o pai lhe comprara. Não obstante foi severamente repreendido ao chegar em casa descalço (TROCHU, F. *O cura d’Ars*, p. 43). Em outra ocasião, no início de seu ministério sacerdotal em Ecully, em certo dia de inverno, foi visitar uma mulher importante em Lião. Ao regressar, já não vestia as mesmas calças de quando tinha ido, pois trocou-as pelas calças de um mendigo transido de frio (TROCHU, F. *O cura d’Ars*, p. 91).

Outro elemento muito presente na infância do futuro Cura d'Ars e de seus seis irmãos⁴ foi a vida de oração, iniciada e influenciada por sua mãe Maria Béluse. Se por um lado a França era proibida de rezar por causa da Revolução, o pequeno João Maria reunia seus amigos e rezava a Deus enquanto cuidava dos animais no campo. Sua fé e sua piedade não o atrapalhavam nas fases normais da infância, fazendo com que a cada dia aprofundasse ainda mais o desejo de se tornar sacerdote.

Para poder entrar no Seminário, João Maria precisava do consentimento de seus pais, o que seria um trabalho complicado no âmbito familiar. O problema não estava tanto em relação ao consentimento da mãe, mas do pai que relutava em aceitar a saída do filho, muito por causa da continuidade no trabalho do campo e da falta de dinheiro para mantê-lo nos estudos. Certa vez, conforme Trochu relata em seu livro, o jovem Vianney expressa à sua tia Humbert o verdadeiro motivo de sua vocação: “Se eu fosse sacerdote, desejaria ganhar para Cristo muitas almas.”⁵ O desejo de ganhar almas para Cristo está fortemente ligado à sua experiência de fé e à seriedade que Vianney dá ao seu futuro, enquanto sacerdote da França do início do século XIX.

Aos 18 anos, João Maria, depois de um processo doloroso de aceitação por parte de seu pai, recebe o consentimento para iniciar os estudos seminarísticos junto ao Pe. Balley, vigário de Ecully.

Entretanto, Vianney não tinha como escapar de seu contexto histórico-cultural e, por isso, teve que passar por muitas provações. O Serviço Militar foi uma delas. Era no mínimo estranho pensar a pessoa de Vianney segurando armas para tirar a vida de outras pessoas, mesmo sabendo das condições de seu tempo. Por isso, ele não conseguiu se adaptar. A má conduta dos companheiros e as blasfêmias o chocavam profundamente.

Como vimos, Vianney foi uma vocação tardia, pois teve que auxiliar seus pais no campo até 1805. Tinha 20 anos quando começou sua preparação específica; somente sua piedade não era o suficiente se queria tornar-se sacerdote. Era necessário estudar, principalmente a gramática latina, e eis aqui a grande limitação, diante da qual Vianney se esforçava diariamente para conseguir superá-la e que, por vezes, virava motivo de zombaria entre os colegas:

⁴ João Maria Vianney é o quinto dos seis filhos de Mateus Vianney e de Maria Béluse. São eles em ordem de nascimento: Catarina, Joana Maria, Francisco, Margarida, João Maria e outro Francisco.

⁵ TROCHU, F. *O cura d'Ars*, p. 39.

Esquecera as poucas noções gramaticais recebidas na escola [...] O pequeno Dechamps e os irmãos Loras, muito bem educados, que retinham com facilidade as declinações e conjugações, riam à socapa ao ouvirem tropeçar o maior dos colegas naquilo que eles aprenderam brincando. O pe. Balley certamente não tinha vontade de rir. Aquele moço já ajuizado e de profunda piedade capitularia diante do primeiro obstáculo? Terrível trabalho, mais duro do que o do campo. Chegando a noite, o aluno de 20 anos, à débil luz de uma lamparina, se debruçava obstinadamente sobre os livros. Depois, numa prece fervorosa, suplicava ao Espírito Santo que lhe gravasse os vocábulos na sua ‘pobre cabeça’. E no dia seguinte notava que as palavras rebeldes haviam fugido da memória.⁶

As aulas no Seminário Maior na época de Vianney eram ministradas em latim. Pe. Balley se esforçava muito para que João Maria aprendesse bem a gramática latina. Embora não fosse sua especialidade, seu trajeto de formação intelectual foi importante para compreender por que mais tarde o mandariam para Ars. Naquela época os estudos maiores regulares para a formação sacerdotal consistiam em um ano de Filosofia e dois de Teologia no Seminário de Verrières.⁷ Embora tivesse dificuldades em relação à gramática latina, Vianney gostava muito de ler a história dos santos, pois era ali que encontrava uma das forças para seguir adiante neste difícil período de estudos.⁸

Incompreendido dos homens, João Maria voltou-se para Deus, o eterno amigo que entende o silêncio e percebe as íntimas palpitações do coração. Pelo menos na capela podia expandir-se e chorar à vontade. [...] Os condiscípulos jocosos convertiam-no em objeto de brincadeira e os mestres eram parcus em animá-lo. Diria mais tarde: ‘Em Verrières tive que sofrer um pouco’.⁹

⁶ TROCHU, F. *O cura d’Ars*, p. 44.

⁷ Espécie de filial do Seminário Maior Santo Irineu de Lião. Havia sido reaberto pelo cardeal Fesch, tio de Napoleão, em 1812, depois de ter sido fechado pelo sobrinho. O cardeal toma esta atitude em segredo, visto que cerca de 200 seminaristas das dioceses de Verrières, Roche, Saint Jodard, l’Argentière, Alix e Meximieux ficaram na rua, entre eles João Maria.

⁸ Suas notas finais no Seminário de Verrières foram: Trabalho – bom; Ciência – muito fraca; Comportamento – bom; Caráter – bom.

⁹ Idem, p. 74.

Seria exagero afirmar somente que Vianney vivera uma vida de exilado e perseguido em Verrières. Sua fama de santidade e seu modo simples de conviver com os seus ganhava admiradores que se apraziam em ouvi-lo falar das coisas de Deus. Um destes admiradores foi seu colega Marcelino Champagnat que, mais tarde, seria o fundador dos *Pequenos Irmãos de Maria*.

A história de Champagnat é muito parecida em alguns aspectos com a do futuro *Cura d'Ars*. Foram colegas de Seminário e ordenados Diáconos juntos, no dia 23 de junho de 1815.

Marcelino não era tido por um luzeiro. Começara os estudos com 17 anos. Saindo do Seminário por incapacidade, ao recomençar o curso, prometeu, como João Maria, uma peregrinação ao Santuário de Louvesc. Foi admitido novamente em Verrières. Afinal, depois de nove anos de constantes trabalhos, pode chegar ao curso de retórica, o qual teve também que repetir. Ao começar o ano de 1812, encontrou-se na aula de filosofia com o aluno do pe. Balley. Marcelino contava 23 anos. João Maria, 26 e meio. A idade já avançada, a igualdade de sacrifícios; o mesmo ideal e virtudes os uniram logo por uma estreita amizade.¹⁰

Após o custoso período de estudos, João Maria, pela graça de Deus, é ordenado sacerdote no dia 13 de agosto de 1815. Inicialmente, exerce seu ministério como coadjutor do Pe. Balley em Ecully, até 1818. Durante este período, Pe. Vianney pôde conviver e partilhar seu sacerdócio com seu grande amigo e mestre Pe. Balley, que foi o primeiro a confessar-se com ele. O povo de Ecully depositava muita confiança em relação ao jovem padre.

Sua fama de Santo Confessor tem seu início já enquanto coadjutor em Ecully, mesmo que autorizado a confessar somente meses depois de ser ordenado sacerdote. Em sua biografia sobre Vianney, Francis Trochu nos ajuda a compreender melhor as características que marcaram o início de seu trabalho:

Desde que souberam ‘aprovado’ pela Cúria Arquiepiscopal, o seu confessor foi assediado pelos enfermos espirituais que não procuravam outro. Isso lhe roubava muito tempo, fazendo-o negligenciar as próprias refeições. Um pouco mais tarde, essa negligência tornou-se habitual. Mas o campo de seus trabalhos

¹⁰ TROCHU, F. *O cura d'Ars*, p. 75.

estava longe de ser infrutuoso e sem consolações, pois um grande número de pessoas, que até ali eram a edificação da paróquia, mudaram de vida após se terem dirigido ao pe. Vianney. Preparava, e depois explicava cuidadosamente a lição de catecismo, fazendo-o pequeno com os pequenos. Levava os mais atrasados para o quarto, e, lembrado do que outros lhe fizeram durante a Revolução, instruíamos com uma paciência incansável. No púlpito de Ecully era breve, mas claro. Desse modo dava começo a um ministério que lhe haveria de custar rudes esforços, mas que teria êxitos surpreendentes.¹¹

O que impressiona nas características descritas acima do jeito de ser e trabalhar de João Maria Batista¹² Vianney é o modo como trata os seus paroquianos, tornando seu trabalho inclusivo, pois tinha um cuidado especial com todos os que lhe tinham confiado. Procurava atender e cuidar de todos, mesmo que para isso fossem necessários sacrifícios. Vianney, até então julgado incapaz para sua época, começa a mostrar, através de pequenos gestos e muita dedicação na pequena Ecully, marcas que caracterizariam seu futuro como sacerdote e o tornariam conhecido até os dias de hoje, através de seu testemunho.

Vianney deixou a paróquia de Ecully e pôs-se a caminho de Ars na manhã do dia 09 de fevereiro de 1818. Não foi fácil chegar à aldeia perdida entre as montanhas. No caminho ele encontra alguns meninos que pastoreavam no local e, a um deles, teria perguntado onde ficava Ars, pois devido a uma forte neblina teria se perdido. O agradecimento do bom Cura ao menino foi surpreendente: “Tu me mostraste o caminho de Ars, eu te mostrarei o caminho do céu.”¹³

Quando, ainda ao longe, depois de seguir pelo caminho indicado pelo menino, viu as poucas casas ao redor de uma humilde capela, ajoelhou-se e rezou, pois, teria, enfim, chegado ao vilarejo que marcaria para sempre sua vida e a vida de seus paroquianos. Sua primeira visita foi à igreja. O povo da cidade não era tão ruim como tantas vezes o apresentavam.

Tendo ficando muito tempo sem uma adequada assistência religiosa, o fervor dos paroquianos de Ars tinha decaído bastante. Vianney teria um grande trabalho para restaurar a fé e os costumes cristãos deste povo simples que se via obrigado, da manhã à noite, a um trabalho duro,

¹¹ Idem, p. 89.

¹² Referência a São João Batista. Vianney o escolhe como padroeiro na ocasião de sua Crisma em 1807, aos 21 anos de idade.

¹³ No local, mais tarde, foi erguida uma estátua que existe até hoje, retratando este encontro entre o menino e São João Maria Vianney.

podendo se permitir o luxo de um descanso só no fim de semana. Mesmo assim, preferia muitas vezes trabalhar a ir à Missa.

Para atingir seus poucos paroquianos, Vianney deu logo o seu testemunho de pobreza e simplicidade. O povo percebeu que seria um sacerdote diferente, não preocupado com grandes obras nem com o seu próprio bem-estar. Sua residência, quando chegou ao povoado era a melhor entre todas; entretanto, foi devolvendo toda a mobília que julgava supérflua, ficando apenas com aquilo que fosse estritamente necessário. Sua casa se tornou pobre e sem luxos. Sua comida era simples como a das famílias de Ars. Era trabalhador e silencioso. Certamente, por ser uma figura pública, sua postura causaria impacto nas pessoas que não estavam acostumadas a esse perfil de sacerdote.

Para Vianney, esta tarefa não seria nada fácil, pois sentia-se fraco diante de tal responsabilidade. Ao mesmo tempo, possuía a força misteriosa da graça de Deus para lidar com as frustrações e as misérias do trabalho apostólico.

Como pastor de seu pequeno rebanho,¹⁴ desenvolveu, além das características vistas na citação acima, uma pedagogia brilhante aos moldes de sua época e que, de alguma forma, é ainda hoje relevante quando lidamos com a educação ou o cuidado da vida de outras pessoas. O Cura d'Ars precisava conhecer as pessoas que a ele foram confiadas. Tinha conhecimento de que os problemas de uma pessoa para outra até podem parecer iguais, mas cada um necessita e merece um atendimento personalizado. Percebeu que a maneira de agir eficaz seria o contato pessoal. E o mais interessante era a forma com que o fazia.

Visitar umas 60 casas não era grande coisa; o difícil estava no modo como fazê-lo. O pe. Vianney, com seu grande chapéu debaixo do braço – quase nunca o levava de outra maneira – por volta do meio dia saía da igreja ou da casa paroquial. Estava certo de que a tais horas encontraria todos em casa. [...] Nessas pequenas entrevistas quase unicamente falava dos interesses materiais, dos trabalhos do campo, da futura colheita... Procurava saber a situação das famílias; o número e idade dos filhos; suas relações de parentesco e amizade. Uma palavra de religião proferida no fim da visita provocava a resposta a qual permitia conhecer o menor ou o maior grau de fé existente em cada casa.¹⁵

¹⁴ A população de Ars na época de Vianney não chegava a somar 300 habitantes. O número de famílias, então, era entorno de 70.

¹⁵ TROCHU, F. *O cura d'Ars*, p. 109.

O resultado, contudo, fora nada animador para o pastor daquele rebanho: desconhecimentos elementares de religião, superficialidade e um pouco de superstição compunham a dimensão religiosa dos habitantes de Ars.

Assim sendo, o sucesso que conhecemos do trabalho apostólico de Vianney foi possível graças a um longo período de oração, trabalho e muita paciência da parte do vigário. É conhecida a frase categórica usada por muitos dos que lidam com pessoas: “O importante é semear, viver a paciência histórica, tendo no coração a certeza de que, uma vez lançada na terra, a semente mais cedo ou mais tarde nascerá, mesmo que nem sempre caiba ao semeador fazer a colheita”.

Seu caminho era bem conhecido: igreja, casa paroquial, visita às famílias. E, ao cair da tarde, quando o tempo permitia, passeava um pouco, cumprimentando os agricultores que voltavam cansados do trabalho para casa. Ele sabia que somente através da paciência e por graça de Deus¹⁶ poderia transformar Ars numa grande família em que o amor reinaria soberano.

Para que esse amor se consolidasse, destacamos três grandes momentos no ministério sacerdotal de Vianney e que nos interessam muito para o propósito deste texto: O primeiro é o zelo por seus paroquianos, principalmente os mais pequeninos e pobres, que necessitavam de cuidados desde cedo; depois, as confissões, que arrastavam multidões para Ars, tornando-a um centro de peregrinações da França e de outros lugares da Europa também; e, o terceiro, foi a Casa da Providência, dedicada às crianças órfãs. Analisaremos estes três marcos da vida do Cura como grandes exemplos para a vida dos homens e das mulheres de seu tempo, mas também dos tempos de hoje, certamente diferentes daqueles em que ele viveu, mas, sob vários aspectos, marcada pelos mesmos desafios humanos e espirituais fundamentais.

O amor de Vianney pelos mais pobres fez com que fundasse a Casa da *Providência*, especialmente para as crianças órfãs, que não tinham acesso à educação na época. Ars, que também sentira os efeitos pós-revolução, não possuía escolas que pudessem educar as crianças. Quando possível, chamava-se um professor de fora e todos juntos, meninos e meninas, iam para a mesma classe. A formação de turmas mistas, não era o normal no tempo do Cura. Diante disso, Pe. Vianney encarrega-se de criar duas escolas, uma para os meninos e, outra, para

¹⁶ Entende-se por *Graça de Deus* a ação de Deus na vida do bom Cura.

as meninas. Com a colaboração de muitos, o trabalho teve êxito e, em março de 1824, adquire a escola gratuita para as meninas e que foi aberta sob a direção de duas mulheres¹⁷, preparadas durante três anos a pedido de Vianney. Esta escola mais tarde tornou-se também a Casa da *Providência* dedicada às órfãs de Ars.

Quando o pe. Vianney viu que sua modesta escola ia enchendo desse modo, veio-lhe uma nova inspiração. O bom pastor encontrara no povoado e em seus arredores várias pobres, infelizes criaturinhas órfãs sem casa, filhas de pais desnaturados ou indigentes que as deixavam mendigar ou as empregavam ainda muito jovens como criadas em casas sem religião. Nada sabiam das coisas de Deus, e quase não aprendiam mais do que o vício. O coração compassivo do Cura d' Ars não podia sofrer isso e resolveu estabelecer na mesma escola um orfanato com o significativo nome de *Providência*.¹⁸

É claro que Vianney encontrou problemas em relação àqueles que não compreendiam sua preocupação em incluir as meninas social e humanamente, garantindo-lhes boa educação para que fossem também boas cristãs. A maior parte das órfãs deixava a casa entre os 19 e 20 anos. Vianney sempre se preocupou para que ali se vivesse fraternalmente como uma grande família de Deus. A instrução era pouco desenvolvida, embora características próprias do ambiente como a fé, a piedade e uma docilidade admirável fossem herança de Vianney para a vida das meninas da *Providência*.

A maioria das órfãs da *Providência* adquiriam a instrução elementar suficiente. Além disso, formavam-se em trabalhos domésticos e práticos: faziam meias, cozinhavam, lavavam e passavam – o que hoje parece ser algo insignificante para um processo formativo. Entretanto, poderia exigir-se mais de meninas destinadas a viverem em qualquer povoado rural da época? Mais do que instruções práticas e úteis para a época, adquiriam, naquele modesto ambiente, a virtude e a piedade necessárias para afrontar os perigos morais e provações que as esperavam.

A *Providência* de Ars foi a obra predileta do pe. Vianney. Amava aquela casa devido a sua destinação: acolher aquelas crianças que não pareciam fazer falta naquele tempo. Foi naquela casa que começaram os famosos Catecismos de Ars, o que mais tarde teve que ser transferido

¹⁷ Seus nomes eram Catarina Lassagne e Benita Lardet.

¹⁸ TROCHU, F. *O cura d' Ars*, p. 178.

para a igreja devido ao grande número de peregrinos que chegavam a Ars para ouvir o bom Cura.

Os Catecismos consistiam no que hoje são as Catequeses do Papa na Praça São Pedro, no Vaticano. Pe. Vianney reunia as multidões para refletir sobre algum tema da Fé ou da Moral cristã. Os Catecismos ajudavam muito os habitantes de Ars a aprofundarem sua fé e acabaram atraindo cada vez mais multidões ao pequeno vilarejo da França.

Se multidões começavam a dirigir-se cada vez mais a Ars em peregrinação para se encontrarem com Vianney, suas confissões tornaram-se importantíssimas para que tal fenômeno acontecesse. Seu jeito atraía a muitos que buscavam conforto e acolhida em relação às feridas que traziam consigo para que fossem curadas.

Vianey encontrava-se, a essa altura, em uma paróquia de muito fervor religioso e que mudara visivelmente de aspecto, passando dos vícios à virtude dos que moravam lá e dos que chegavam todos os dias. De 1827 a 1859, a igreja não esteve um momento vazia.

Durante trinta anos, uma constante multidão de peregrinos percorria estradas precárias para chegarem, por todos os meios e maneiras possíveis, a Ars. Estes peregrinos não iam para Ars na ilusão de encontrar um sábio, um rico, mas um simples padre que sabia revelar do seu jeito o amor infinito de Deus. É o amor que as pessoas buscavam. Precisavam sentir-se amadas para que pudessem amar novamente. O segredo do confessorário estava na forma com que Vianney lidava com as diferentes pessoas que o procuravam, sempre com doses certas de amor.

Na igreja de Ars, onde o povo passava para chegar até o confessorário, o pároco não passava menos de onze ou doze horas diárias atendendo confissões. Não saía da igreja para que, a muito custo, pudesse atender a todos, inclusive aos seus paroquianos.

Essa gente que chegava a Ars diariamente era composta por pessoas de todas as idades e classes sociais: bispos, sacerdotes, religiosos, grande número de jesuítas e maristas, capuchinhos, dominicanos, ricos e pobres, ignorantes e sábios; uns habituados a discutir os mais graves problemas, outros, movidos apenas pela simplicidade da fé. Entre os últimos, havia famílias inteiras de camponeses que vinham das regiões vizinhas para se encontrarem com o bom Cura. Eram tantas as pessoas que, às vezes, tinham que esperar até setenta horas para se confessar. Em seu último ano de vida (1858-1859), o número de peregrinos chegou a oitenta mil.

Dois confissões interessantes encontradas com frequência em suas biografias: a um bispo ajoelhado a seus pés, seu único conselho foi para que amasse muito seu clero e, assim, o despediu. A um Irmão religioso, que se confessava de suas negligências na vida religiosa, apesar de sua boa vontade, Vianney teria dito que de boas intenções o inferno estava cheio. E nada mais! Uma palavra de exortação e tudo estava terminado.

Mas por que as confissões nos chamam tanto a atenção? Uma das respostas, cremos que esteja no amor e na bondade com que João Maria tratava os que o procuravam. Não era a eloquência dos discursos que convertia os peregrinos, mas o exemplo e o trabalho silencioso, carregado de bondade e amor.

O amor exigente pode vir acompanhado de alguns espinhos: Vianney foi invejado por muitos de seus colegas sacerdotes, devido a sua capacidade de acolher aos que precisavam de alguém que os escutasse nas suas dores humanas e espirituais. Diante das adversidades, no entanto, o bom Cura sabia que não estava fazendo este trabalho para si, ou como dissera em sua juventude, ganhando almas para si, mas estava ganhando almas para Deus.

1.2 *Um homem chamado Marcelino Champagnat*

Marcelino é o caçula entre os 10 irmãos¹⁹ da família de João Batista e Maria Teresa Champagnat. Nasceu em Rosey, próximo a Marllhes, na França, em 20 de maio de 1789. Seu nome de batismo é José Bento Marcelino Champagnat. O nome pelo qual o conhecemos é uma homenagem ao seu tio e padrinho por parte de mãe que assim se chamava.²⁰

A educação religiosa de Marcelino durante a sua infância é fortemente influenciada, primeiramente, por sua mãe e por sua tia Luísa. Mais tarde, pelo seu pai, é influenciado no que diz respeito ao mundo do trabalho e dos negócios. Sobre isso, o irmão André Lanfrey faz uma análise interessante no primeiro capítulo do livro em comemoração ao bicentenário do nascimento de Marcelino, que nos auxilia na compreensão do papel do pai e da mãe na formação de Champagnat.

¹⁹ Cf. BATISTA, 1989. p. 2. “Eram cinco rapazes e cinco moças. No livro do irmão João Batista, encontramos o registro de seis irmãos, pois não considera os irmãos de Marcelino falecidos precocemente”.

²⁰ ZIND, Irmão Pierri. *O bem aventurado Marcelino Champagnat e seus pequenos Irmãos de Maria*. Belo Horizonte: O Lutador, 1988. p. 37.

Assim, no 1^o capítulo, sobre a educação de Marcelino, o Irmão João Batista consagra 9 linhas ao pai, ao passo que a mãe tem direito a 66 linhas, e a tia, 26. Por quê? É primeiramente porque a educação dos pequeninos está nas mãos das mulheres. Assim, nas biografias dos Irmãos, se reencontra esse esquema na grande maioria dos casos. A imagem paterna é quase sempre mais vaporosa, porque o homem se ocupa em atividades exteriores e não assegura a educação religiosa. Muitas vezes, também, sua religião é percebida como menos fiel.²¹

Os tempos são os da Revolução Francesa, que iniciara logo após o nascimento de Marcelino. Ao contrário de Vianney, Marcelino não precisou participar efetivamente da Revolução, entretanto seu pai estava envolvido, ocupando vários cargos importantes em Marlhés. João Batista ensinou a Marcelino trabalhos manuais como marcenaria, carpintaria, alvenaria, necessários na administração de uma propriedade da época.

Ao contrário de Vianney, seu contemporâneo, Marcelino não cultivava desde pequeno a vontade de um dia tornar-se sacerdote. Sua religiosidade, antes de ingressar no Seminário Menor, foi vivida sem grandes atos extraordinários ou sinais que já revelassem sua futura vocação. A piedade e a participação na Igreja foram de grande responsabilidade de sua mãe e de sua tia.²² No âmbito familiar, cultivavam também a devoção mariana, através da récita diária do terço. Tudo leva a crer que Marcelino desejava continuar a profissão dos pais – lavradores e proprietários de um moinho; já guardava economias para montar um negócio com um de seus irmãos.

No entanto, os planos mudaram depois de a família Champagnat receber a visita de um sacerdote que procurava jovens para suprir a carência de padres, que se estabelecera na diocese de Lião, após a Revolução. O que leva uma pessoa a abandonar de repente tudo o que tem sem que antes isto lhe tenha passado pela cabeça? O curioso do *sim* de Marcelino ao convite do Pe. Courbon, juntamente com dois clérigos que tinham visitado a sua família, é que Marcelino não enrolou

²¹ LANFREY, Ir. André. *Introdução à vida de M. J. B. Champagnat*. Brasília: UMBRASIL, 2011. p. 253.

²² Cf. CEGALLA, 1985. p. 29. “Sua tia Luiza era religiosa da Congregação das Irmãs de São José. No entanto, foi expulsa do convento por causa da Revolução, encontrando asilo na família do seu irmão João Batista, desde 1792. Piedosa, edificante e muito devota de Maria, ajudou a mãe de Marcelino na educação cristã do filho. Marcelino, como posteriormente declararia, jamais olvidou as excelentes lições de sua bondosa tia, bem como os exemplos de virtude que dela recebera, conservando-lhe pela vida inteira a mais grata recordação e a maior gratidão.”

o sacerdote, mas foi preciso e determinado na decisão. Em duas de suas biografias que consideramos neste texto, o relato é praticamente o mesmo.

[...] Neste instante, vindos do moinho, voltavam para casa João Pedro (16 anos) e Marcelino (14 anos). O pai os interpelou: Aqui estão sacerdotes que vêm buscar vocês para que possam estudar latim; querem segui-los? O primeiro respondeu com um não enérgico mas o segundo balbuciou timidamente algumas palavras incompreensíveis. Tomado à parte, Marcelino ouviu os eclesiásticos dizerem-lhe: Meu filho, é preciso que você estude latim e se torne sacerdote: Deus o quer! A partir daquele instante, Marcelino tinha plena certeza de sua vocação.²³

Até o momento desse inusitado e inesquecível encontro, supõe-se que o caçula da família Champagnat nunca havia pensado em ser padre e, dificilmente, teria pensado se não tivesse recebido aquela visita.

É, no mínimo, estranho que, em um instante, um jovem de 14 anos decida sua vocação. No entanto, talvez este tenha sido o impulso que se tornou decisivo para Marcelino e sua vontade de servir a Deus, tornando-se sacerdote, na França de sua época. Mas, para tornar-se sacerdote era necessário primeiro estudar latim, isto é, era preciso encarar a formação do Seminário para estar preparado a desempenhar o serviço a Deus, em favor dos mais necessitados. “Quero entrar no Seminário; hei de vencer, pois Deus me chama.”²⁴ É neste período de sua vida que percebemos o quanto Marcelino é capaz de superar seus limites, através de pequenas virtudes que o acompanhavam desde os tempos vividos em família.

Marcelino ingressou no Seminário Menor de Verrières, em outubro de 1805. Uma característica que marcou sua passagem pelo Seminário foi, assim como Vianney, sua dificuldade nos estudos. Por exemplo, quando cursou a sexta série,²⁵ seu aproveitamento foi considerado *mediocre* pelos professores. Quando ingressou, era o maior de todos os rapazes, entretanto, aparentava ser o mais fraco. Suas biografias indicam ainda que era muito tímido e retraído, atraindo sobre si as zombarias de seus colegas.

²³ ZIND, Irmão Pierri. *Seguindo os passos de Marcelino Champagnat*. Belo Horizonte: O Lutador, 1988. p. 40.

²⁴ BATISTA, João Maria. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 12.

²⁵ Na França, as séries se sucedem em ordem regressiva: 8ª, 7ª, 6ª, 5ª...

O pai de Marcelino foi resistente à decisão do filho. Em uma das biografias, encontramos a seguinte citação acerca do fato:

Durante diversos meses o pai tentou afastar o filho caçula da ideia do sacerdócio. “Você não é dotado para os estudos; mal sabe ler! Por outro lado, você é ótimo trabalhador manual e possui muito tino para os negócios!” O rapaz manteve-se inabalável.²⁶

Não voltou atrás. A decisão já tinha sido tomada e, confiante, o jovem Champagnat dava continuidade aos estudos necessários para um dia tornar-se padre, mesmo que isso lhe custasse muito esforço. Sua determinação e vontade para vencer e superar seus limites garantiu-lhe a permanência no Seminário – tanto o Menor quanto o Maior, em Lião. Sobre isso, citamos mais um caso curioso ocorrido no Seminário Menor de Verrières, narrado em uma de suas biografias:

Na época de seu ingresso no seminário, acharam-no tão atrasado em leitura e escrita, que o aconselharam a estudar francês durante alguns meses. Nem quis ouvir falar nisso e pediu encarecidamente ao superior para começar o estudo do latim. Para contentá-lo, o superior consentiu, convencido de que, dentro de alguns dias, acabaria se aborrecendo, e viria pedir para frequentar a aula de leitura. Deu-se, porém, o contrário: no fim de poucos meses, figurava entre os primeiros da classe e neste primeiro ano completou a oitava e a sétima séries.²⁷

É evidente que a formação seminarística da época de Marcelino e de Vianney difere muito da que temos hoje, sobretudo no que diz respeito às questões de disciplina. Não que hoje se tenha deixado de lado a disciplina, mas a forma com que se lida com ela é muito diferente da época de Champagnat. Os “sinais dos tempos” são outros e, com isso, a formação ganhou outra configuração. Marcelino era fruto da época pós-Concílio de Trento, em que a formação era muito rígida e se exigia do candidato uma conduta excelente e o devido empenho nos estudos. O clima da época era muito marcado por uma busca constante da santidade e da perfeição, no que diz respeito à vida humana mundana e, sobretudo,

²⁶ ZIND, Irmão Pierri. *Seguindo os passos de Marcelino Champagnat*. Belo Horizonte: O Lutador, 1988. p. 41.

²⁷ Idem, p. 13.

à vida espiritual. Por isso, duas características são muito presentes, tanto em Champagnat quanto em Vianney, seu colega de Seminário Maior durante um ano e pelo qual tinha grande admiração: a penitência e a mortificação.

O interessante é que, mesmo com características aparentemente *duras* e que poderiam fazer de Marcelino um carrasco, pois se projetava na época a figura do padre perfeito, ele acabaria introduzindo, mais tarde, um novo jeito de educar e de se relacionar com os outros, sobretudo no que diz respeito a sua futura missão: é muito melhor aprender pelo prazer do que pela dor. O desejo de fundar uma Congregação que cuidasse da educação e restituísse os valores cristãos, que a Revolução tinha liquidado, fez com que Marcelino já manifestasse sinais desse interesse no período de Seminário: quando ingressou no Seminário Maior de Lião, em 1812, juntou-se a um grupo de seminaristas que projetava fundar uma Congregação que abrangesse padres, religiosas e uma Ordem Terceira, levando o nome de Maria – a “Sociedade de Maria” – para cristianizar a sociedade. Impressionado pelo abandono cultural e espiritual das crianças da campanha, Marcelino sente a urgência de incluir, nessa Congregação, Irmãos, para a educação cristã da juventude.

Entretanto, no plano da nova agremiação, ninguém cogitara de Irmãos para o ensino. Somente Champagnat acalentou o projeto dessa instituição e o realizou sozinho. Frequentemente repetia aos companheiros: ‘Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo, ajudem os missionários e eduquem as crianças.’ Ninguém contestava que fosse bom ter Irmãos; mas como esta fundação não fazia parte dos planos da nova sociedade, davam pouca importância ao eterno estribilho: precisamos de Irmãos. Finalmente, os confrades lhe disseram: ‘Pois bem, encarregue-se você dos Irmãos, pois que teve a ideia de fundá-los.’ Champagnat aceitou prazeroso a missão e, a partir daquele momento, todos os seus anseios, planos e trabalhos tiveram por meta realizar o empreendimento.²⁸

Por fim, o desejo em criar os Irmãozinhos de Maria, semeado e pensado na época de Seminário, concretizou-se durante seus primeiros anos de sacerdote, após Marcelino ter sido ordenado padre em 22 de

²⁸ BATISTA, João Maria. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 28.

julho de 1816. Entretanto, não foi seu primeiro trabalho como padre. Após ser ordenado sacerdote, é nomeado coadjutor em La Valla, perto de Saint-Chamond. Tinha, então, 27 anos.

A vida de Marcelino e de seu colega de Seminário João Maria Vianney diferem em alguns traços, mas se assemelham em outros como, por exemplo, a nomeação para o primeiro trabalho.

Champagnat não foi mandado para Ars, mas foi em La Valla que o padre que amava os camponeses pôde exercer seu ministério. A paróquia era bem numerosa, com aproximadamente 2.000 habitantes; a vida de fé assemelhava-se com a vida de fé dos habitantes de Ars: era um povo bom, muito simples e sem instrução. Essa ignorância originava-se principalmente de dois motivos: primeiro, a geografia do vilarejo, escondido entre um conjunto de montanhas e planaltos do centro-sul da França. Portanto, era um buraco de difícil acesso. Os que viviam mais distantes do vilarejo dificilmente conseguiam ir à igreja. O segundo motivo foi que o pároco que acolheu Marcelino na paróquia de La Valla tinha um problema de dicção, o que impossibilitava a instrução do povo. Marcelino, assim como Vianney, apostou no ensino do catecismo como uma das formas de reconduzir o povo à vida em Deus. Começou pelas crianças e, logo depois, começou a fazer fama com os adultos, também. Procurava ir ao encontro de seus paroquianos, cumprimentando-os, animando-os, conversando, visitando os doentes...

Marcelino, durante seu trabalho com a juventude, os instruía nos mistérios da religião e no exercício das virtudes, o que considerava importante para a educação dos jovens de seu tempo. Inicialmente, exigia o texto completo das respostas do livro que fazia decorar por aqueles que não soubessem ler; em seguida, explicava o sentido e provocava a curiosidade infantil com comparações, pequenas histórias, perguntas. Possuía o dom de cativar os jovens com seu linguajar desprezioso e familiar, excitando a emulação, evitando confundir as coisas, insinuando as respostas certas aos hesitantes, recompensando as melhores com um santinho.

Sua influência na vida daquelas crianças e jovens era tão grande que a mínima repreensão intimidava os mais atrevidos e fazia os outros tremerem, pois Marcelino conseguia conquistar para si o respeito necessário para que seu trabalho pudesse produzir fruto. O frio, a neve, a chuva, as grandes distâncias, nada era capaz de impedir a presença das crianças ao catecismo e os adultos também começaram a se sentir atraídos para escutá-lo, aos domingos.

Um educador também é aquele que vive da palavra e, sobretudo, de boas palavras que possam ajudar as pessoas na sua vida concreta, nas suas dúvidas, nas tribulações, enfim, naquilo de que a pessoa necessita para que a vida seja suficientemente boa para ser vivida. Marcelino preocupava-se muito com o bem da comunidade que lhe fora confiada. Seus assuntos costumeiros eram a morte, o juízo final, a enormidade do pecado, a necessidade da salvação, o inferno, o paraíso, o purgatório. Por falar com simplicidade e convicção, suas palavras impressionavam de tal forma que todos entendiam e sentiam-se com vontade de escutar mais.

Seu notável êxito despertou a inveja e o ciúme do Pároco que possuía o vício de beber demais, escandalizando os habitantes mais piedosos de La Valla. No dia 24 de maio de 1824, após várias queixas contra o Pároco, o Conselho Arquiepiscopal de Lião transferiu o senhor Rebod, nomeando-o Capelão das Ursulinas de Saint-Chamond. Monsenhor de Pins ofereceu o cargo de Pároco a Marcelino que, além de não aceitar a honrosa proposta, conseguiu ser exonerado de qualquer ministério paroquial, para consagrar-se por inteiro à obra dos *Pequenos Irmãos de Maria*.

Em suma, como Vigário de La Valla, podemos destacar a dedicação e o zelo que foram de grande importância para a vida de fé dos seus paroquianos e, como agora veremos, para o surgimento da Congregação Marista.

1.2.1 *O Instituto Marista*

Fundar uma Congregação de Irmãos para a educação das crianças e dos jovens foi a meta de Champagnat desde que chegou como padre em La Valla. O fato que efetivou seu ideal foi a visita a um jovem doente chamado João Batista Montagne, no dia 28 de outubro de 1816. Percebendo que o rapaz não sabia nada a respeito da fé cristã, nem mesmo tinha a consciência da existência de Deus, se dispôs a prepará-lo para a confissão e a absolvição dos pecados. Porém, o jovem veio a falecer antes de poder receber a visita de Marcelino. Em várias de suas biografias, os autores apontam esse fato como determinante para que Champagnat tomasse a decisão definitiva de concretizar seu projeto de fundar uma congregação de educadores.

O Instituto Marista é fundado a 2 de janeiro de 1817, numa residência em La Valla, inicialmente formado pelo próprio Champagnat e pelo vocacionado Jean Baptiste Audras. A finalidade do novo Instituto era proporcionar o benefício da instrução cristã às crianças pobres do campo, visto que a educação nas cidades era de responsabilidade da

Sociedade de Maria. Além disso, o Instituto era consagrado a Maria, por quem Champagnat tinha especial afeição, pela difusão de seu culto e pela imitação de suas virtudes. Numa de suas cartas, Champagnat deixa claro que a presença da *Boa Mãe* é indispensável para perpetuação da nova obra: “Maria, sim Maria, somente ela é nossa prosperidade; sem Maria não somos nada e com Maria nós temos tudo, porque Maria tem todos os dias seu adorável filho ou entre seus braços ou no seu coração”.²⁹

Foi na Paróquia de La Valla que foi fundada a primeira escola do Instituto Marista. Mais tarde, Champagnat transferiu-se da paróquia para a residência do noviciado, ali mesmo em La Valla onde, juntamente com seus discípulos, construiu um oratório. Todas as manhãs faziam suas orações e promessas de fidelidade ao Instituto e à Igreja, na presença de Maria Santíssima. Foi a partir dali que a audácia e coragem de Champagnat em fundar uma congregação que cuidasse da educação de crianças e jovens rendeu os frutos que ainda hoje conhecemos. Os Maristas espalharam-se pelo mundo; de lá para cá a realidade é outra, mas o que podemos destacar de relevante para que tal obra pudesse chegar até o século XXI? Destacamos três aspectos: a confiança em Deus e a devoção à Nossa Senhora; o amor ao trabalho e a gratuidade no lidar com os irmãos.

Champagnat herdou de seu pai o amor ao trabalho manual e o dinamismo transbordante que o notabilizou. Desde as origens do Instituto, o trabalho ocupou um lugar de relevo, e isso pelas seguintes razões: Marcelino era de proveniência camponesa e propenso ao concreto e prático em sua grande vitalidade; seus discípulos descendiam igualmente de famílias de agricultores que levavam uma vida muito simples, mas trabalhosa, seja na lida no campo, seja na fabricação de pregos, comum naquela região, o que acabou sendo para os Irmãos um meio de subsistência. Além disso, foi do elemento de trabalho manual em que nasceu o Instituto que derivaram as características de humildade, simplicidade e de modéstia, assim como o ambiente de família, que acabam configurando as comunidades de Irmãos.

2 Santos Parecidos

No primeiro capítulo, vimos um pouco da vida de cada um dos santos, motivação desta pesquisa e, a partir delas, podemos perceber

²⁹ Cf. *Cartas*, 194.

alguns elementos próprios de ambos e que são importantíssimos para o propósito deste texto. A confiança em Deus, a presença e a gratuidade são expressões que acompanham a trajetória de ambos e marcam profundamente o legado que deixaram para nossos dias.

2.1 *Confiança em Deus*

A convicção de que era Deus quem sustentava a vocação e a vida, tanto de Vianney como de Champagnat, é o primeiro elemento comum que não tem como passar despercebido. Como vimos no capítulo anterior, suas obras eram entregues não em suas próprias forças ou propósitos, mas confiavam o que faziam nas mãos Daquele que os sustentava.

A santidade de Vianney era vivida na maior parte do tempo dentro de um confessionário. Logo, não tinha muito tempo para escrever, pois tinha que dar conta dos penitentes e, no caso de Champagnat, o trabalho no cuidado das escolas que fundou, juntamente com os Irmãos, o consumia. Assim, a santidade de ambos está no cotidiano de seus ofícios, na fé que expressavam e que os confortava nos momentos de tribulações e isso fez com que se diferenciassem. Por que dentre tantos homens e mulheres da França do século XIX, que também confiavam em Deus, escolhemos esses dois homens como modelos de santidade para o seu tempo e também para o nosso? Aqui entra a questão da fidelidade que pode ser sinônimo da confiança que estamos abordando.

A entrega de Vianney e de Champagnat é fruto de um encontro com o Senhor que fez arder seus corações para a vocação à qual deram seu *sim*. Na homilia da canonização de São Marcelino Champagnat, no dia 18 de abril de 1999, o Papa João Paulo II frisou muito este aspecto da confiança em Deus durante toda a sua vida:

‘Porventura não nos ardia o coração no peito, quando Ele nos explicava as Escrituras?’ Este desejo ardente de Deus que sentiam os discípulos de Emaús manifesta-se profundamente em Marcelino Champagnat, que foi um sacerdote conquistado pelo amor de Jesus e de Maria. Graças à sua fé inabalável, permaneceu fiel a Cristo, mesmo nos momentos difíceis, num mundo por vezes privado do sentido de Deus. Também nós somos chamados a haurir a nossa força na contemplação de Cristo ressuscitado, seguindo o exemplo da Virgem Maria.³⁰

³⁰ Homilia de João Paulo II na canonização de Champagnat. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_II/homilies/1999/documents/hf_jp-II_hom_18041999_po.html>. Acesso em: 04 set. 2014.

A fama de santidade de São João Maria Vianney já iniciou enquanto pároco em Ars, visto o grande número de penitentes que se dirigiam à pequena aldeia e que até hoje é centro de peregrinações de pessoas do mundo inteiro. Até sua morte, em 1859, o pároco foi sempre assediado por milhares de homens e mulheres que procuravam junto dele o perdão de Deus e a razão para a própria esperança de uma vida nova.

Sua vida sempre foi atarefada, dedicando seus últimos quinze anos ao atendimento de confissões, mais de doze horas por dia. Entretanto, sempre reservava uma parte de seu pouco tempo para a oração pessoal, a celebração da Missa e, diariamente, uma hora para explicar o catecismo aos que lotavam a igreja de Ars.

Esta vida de ascese e de oração [...] mostra claramente o segredo do zelo pastoral de S. João Maria Vianney e da extraordinária eficácia sobrenatural do seu ministério. Escrevia o nosso predecessor, de feliz memória, Pio XII: ‘Que o padre se lembre que o altíssimo ministério que lhe foi confiado será tanto mais fecundo quanto mais estreitamente estiver unido com Cristo e se deixar guiar pelo seu espírito’. A vida do Cura d’Ars confirma, uma vez mais, esta grande lei de todo o apostolado, fundada na própria palavra de Jesus: ‘Sem mim, nada podeis fazer’ (Jo 15,5).³¹

Assim, destacamos que a confiança em Deus é o ponto de partida para que a obra de Vianney e de Champagnat pudesse ser consolidada e conhecida. A confiança em Deus consolidou a fidelidade até o fim no que se refere às obras que deixaram e o exemplo a ser seguido, sobretudo, no que diz respeito ao lidar com o ser humano. São modelos porque, primeiramente, tinham a convicção de que não estavam sozinhos no futuro que teriam pela frente ao aceitarem o chamado de Deus e, inclusive, se por um momento parecia que tudo estava perdido, foram fiéis, mesmo na tribulação. Assim, temos aqui a primeira explicação do porquê dizemos que foram bons no combate, pois foram perseverantes até o fim.

2.2 *Presença*

Vianney e Champagnat não foram homens que, por interesses pessoais, trabalharam incessantemente a fim de adquirir prestígio ou

³¹ Carta encíclica *Sacerdotii nostri primordia* de João XXIII sobre o sacerdócio no centenário da morte de São João Maria Vianney em 1959. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_19590801_sacerdotii_po.html>. Acesso em: 04 set. 2014.

certo *status*. A presença que marcaram foi uma presença responsável e gratuita, sem esperar qualquer tipo de honraria ou de reconhecimento de mérito pelo que fizeram. Por ocasião do centenário da morte de Vianney, em 1959, João XXIII expressa bem o sentido de presença que pode ser aplicado a ambos: “ele foi na verdade, para o seu pequenino rebanho, o bom pastor, que conhece suas ovelhas e as livra dos perigos e conduz com fortaleza e suavidade”.³²

A figura do bom pastor é a melhor maneira com que podemos sintetizar o que foi esta presença que ambos tiveram. Vimos, no primeiro capítulo, que os dois – seja nas famílias de Ars, na comunidade de La Valla, nas escolas Maristas, no confessionário e no púlpito de Ars, na Casa da Providência – produziam frutos à medida que se faziam presentes, o que, sem dúvida, exigia muito fisicamente, espiritualmente e psiquicamente.

Na homilia de canonização de Champagnat, João Paulo II destaca:

São Marcelino anunciava o Evangelho com coração totalmente ardente. Foi sensível às necessidades espirituais e educativas da sua época, sobretudo a ignorância religiosa e as situações de abandono vividas em particular pela juventude. O seu sentido pastoral é exemplar para os sacerdotes: chamados a proclamar a Boa Nova, eles devem ser de igual modo para os jovens, que procuram dar sentido à sua vida, verdadeiros educadores, acompanhando-os ao longo do seu caminho e explicando-lhes as Escrituras. O Padre Champagnat é também um modelo para os pais e os educadores, ajudando-os a ter plena esperança nos jovens, a amá-los com um amor total que favoreça uma verdadeira formação humana, moral e espiritual.³³

Todos os que, de uma forma ou de outra, lidam com pessoas devem ser os bons pastores para aqueles que lhes foram confiados. A vida e a obra de Champagnat e de Vianney, neste sentido, é uma prova de que sozinhos, dificilmente chegamos a algum lugar. Claro que a presença a que nos referimos é uma presença que não fere a liberdade das pessoas

³² Carta encíclica *Sacerdotii nostri primordia* de João XXIII sobre o sacerdócio no centenário da morte de São João Maria Vianney em 1959. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_19590801_sacerdotii_po.html>. Acesso em: 06 set. 2014.

³³ Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1999/documents/hf_jp-ii_hom_18041999_po.html>. Acesso em: 06 set. 2014.

com quem os dois se relacionavam, não era uma presença que de tão presente, tornava a relação ausente e pesada. Deste modo, quando falamos de presença, trazemos também a palavra *gratuidade* como elo para um melhor trabalho pastoral daquele tempo e também para os dias atuais.

2.3 *Gratuidade*

Sobre a gratuidade, destacamos o desinteresse, tanto de Vianney quanto de Champagnat, para com o prestígio ou a glória dos altares. Parece paradoxal para os tempos atuais afirmar que o mérito da santidade não é fazer tudo para que um dia se ganhe reconhecimento e, sim, que façamos “tudo para a maior glória de Deus” e o proveito dos que mais necessitam de nossa ajuda. É um despertar para algo maior que nos “avança para águas mais profundas”.³⁴

Ao analisar a vida destes dois grandes santos da Igreja, descobrimos que ambos tiveram uma espécie de passo prévio, um despertar: eles se convenceram de que não basta promover uma vida digna aos outros sem que possam experimentar um pouco do Divino que completa e dá sentido às coisas.

Tratavam com gratuidade as pessoas. Não queriam algo em troca, a não ser ver que estavam cultivando na vida e no coração dos que os procuravam mais dignidade, justiça e liberdade. O encontro com as pessoas refletia o encontro que ambos tiveram com o próprio Deus, o que não exclui os momentos de aridez que tiveram, sobretudo no período dos estudos.

Conforme visto no capítulo anterior, poderíamos afirmar que a gratuidade que tanto Vianney como Champagnat tinham era fruto do constante contato com as pessoas, com as famílias de Ars e de La Valla, com os penitentes e com os alunos do Instituto Marista.

Assim, a simplicidade é uma das formas importantes que manifesta a unidade do ser e do agir de Vianney e de Marcelino e que nos remete a um jeito inspirador de viver nos dias atuais.

Considerações finais

No final da primeira parte do nosso trabalho, concluímos que São Marcelino Champagnat e São João Maria Vinney expressam uma

³⁴ Lc 5, 4.

opção de vida que os tornou diferentes, no contexto em que viveram. A santidade de ambos produziu frutos na vida das pessoas que os procuravam e também através das obras que até hoje conhecemos.

O combate que ambos tiveram foi, em primeiro lugar, com as suas próprias limitações, sobretudo nos estudos, convertendo o que poderia ser derrota em superação. Desta superação, encontramos três características comuns nos dois santos e que contribuem para o objetivo do trabalho: a confiança em Deus, a presença no cotidiano das pessoas e, por fim, a gratuidade nas relações e no trabalho diário.

A respeito da confiança, destacamos que ambos sabiam que não estavam sós na resposta diária à vocação sacerdotal: Deus era quem os sustentava em suas limitações e nos desafios do trabalho pastoral. Estar presente e disposto para as exigências do trabalho fez com que o trabalho dos dois pudesse ser eficaz, incidindo na conversão e/ou melhoria de vida de tantas pessoas que os buscavam. Destacamos a gratuidade que o Cura d'Ars e Champagnat tinham quando faziam algo em favor das pessoas. Não pediam presentes em troca ou cumprimentos calorosos por suas obras. Sabiam que estavam fazendo aquilo que sua vocação exigia.

Estas três características não esgotam o que ainda pode ser descoberto sobre dois Santos da Igreja, mas oferecem pistas para um bom trabalho em prol da inclusão das pessoas em vários âmbitos da sociedade que, de lá para cá, mudou significativamente.

Referências

- BATISTA, João Maria. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CEGALLA, José. *Um novo perfil de Marcelino Champagnat*. Curitiba: EDUCA, 1985.
- FOLLAIN, Jean. *Curato d'Ars: quando um uomo semplice confonde i sapienti*. Milano: San Paolo, 2008.
- HÜTTNER, Édison. *São Marcelino Champagnat: dos braços ao coração de Maria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- JOULIN, Marco. *A vida do Cura d'Ars*. São Paulo: Loyola, 1989.
- LANFREY, Ir. André. *Introdução à vida de M. J. B. Champagnat*. Brasília: UMBRASIL, 2011.
- TROCHU, Francis. *O cura d'Ars*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1960.
- ZIND, Irmão Pierri. *O bem aventurado Marcelino Champagnat e seus pequenos Irmãos de Maria*. Belo Horizonte: O Lutador, 1988.

ZIND, Irmão Pierri. *Seguindo os passos de Marcelino Champagnat*. Belo Horizonte: O Lutador, 1988.

<http://www.vatican.va/holy_father/john_XXIII/encyclicals/documents/hf_j-XXIII_enc_19590801_sacerdotii_po.html>. Acesso em: 04 set. 2014.

<http://www.vatican.va/holy_father/john_XXIII/encyclicals/documents/hf_j-XXIII_enc_19590801_sacerdotii_po.html>. Acesso em: 06 set. 2014.

<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_II/homilies/1999/documents/hf_jp-II_hom_18041999_po.html>. Acesso em: 06 set. 2014.

Recebido: 04/08/2015

Avaliado: 26/08/2015